

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ – UTFPR
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

LEONARDO FELIPE GURGEL RODRIGUES

**O ROMANCE HISTÓRICO NA OBRA JULIANA TERRA ROXA DE MARIA MARCONDES
ALVES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2011

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ – UTFPR
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

LEONARDO FELIPE GURGEL RODRIGUES

**A HISTÓRIA PARANAENSE NA OBRA JULIANA TERRA ROXA DE MARIA ALVES
MARCONDES**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Literatura Brasileira e História Nacional.
Área de Concentração: Literatura Brasileira.

Orientadora: Profª Drª. Naira de Almeida Nascimento.

CURITIBA
2011

A todos aqueles que apoiaram e acreditaram neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Infelizmente não será possível agradecer a todas as pessoas que me ajudaram e contribuíram para a realização deste trabalho. Confesso que muitas vezes pensei em desistir, mas sempre teve alguém me apoiando e fazendo-me manter a calma. Deste modo, agradeço, primeiramente, a escritora Maria Marcondes Alves que se revelou uma pessoa humilde e amiga, não medindo esforços para ajudar e dar maiores esclarecimentos sobre seu trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Paraná e da biblioteca da UTFPR pela atenção ao encontrar as obras necessárias para este trabalho.

A todos os professores e colegas de sala pela convivência e pelos ensinamentos ministrados.

A minha família que, apesar das discussões e desentendimentos, sempre se mostraram presentes em minha jornada.

E por último, agradeço a Dr^a Naira, pelos comentários e apontamentos que só procuraram fazer-me atingir o meu melhor.

“Quem estuda e não pratica o que aprendeu é como o homem que lavra e não semeia” – Provérbio árabe

RESUMO

RODRIGUES, Leonardo F. G. O romance histórico na obra Juliana Terra Roxa de Maria Alves Marcondes. 2011. 25 f. Monografia – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

O presente projeto pretende pesquisar a leitura paranaense do século XXI, analisando uma escritora que ainda está produzindo a continuação do romance histórico. A obra escolhida é obra autobiográfica e histórica da autora Maria Marcondes Alves, *Juliana Terra Roxa* (2007), a qual retrata a saga da família Marcondes desde o século XIX até o nascimento de Juliana, neta da escritora. Por se tratar de um escrito cujo enredo é uma família real, observa-se a necessidade de definir como os acontecimentos históricos do Brasil e do mundo são abordados neste escrito e quais são os impactos deles na família, conceituando romance histórico e história, tendo como base teórica o trabalho de Lukacs.

PALAVRAS CHAVE: Literatura Brasileira; Literatura Paranaense; Romance histórico; Genealogia familiar; Maria Marcondes Alves; Juliana Terra Roxa.

ABSTRACT

RODRIGUES, Leonardo F. G. The historical novel in the work of Terra Roxa Juliana Alves Maria Marcondes. In 2011. 25 sheets. Essay - Graduate Program in Brazilian Literature and History, Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2012.

This project aims to investigate the reading of the Parana , analyzing a writer who is still producing the continuation of the historical novel. The chosen work is autobiographical and historical works of author Maria Marcondes Alves, Juliana Terra Roxa (2007), which portrays the Marcondes family's saga since the nineteenth century until the birth of Juliana, the writer. Because it is a writing whose plot is a real family, there is a need to define how the historical events in Brazil and the world are covered in this writing and what are the impacts on their family, conceptualizing historical romance and history, with the theoretical basis of the work of Lukacs.

KEYWORDS: Brazilian Literature, Literature of the Parana; historical novel; family genealogy; Marcondes Maria Alves, Juliana Terra Roxa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O QUE É ROMANCE HISTÓRICO?.....	11
3	JULIANA TERRA ROXA.....	13
3.1	MARIA MARCONDES ALVES.....	18
4	O ROMANCE EM JULIANA TERRA ROXA.....	20
4.1	A HISTÓRIA EM JULIANA TERRA ROXA.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho será estudada a obra de Maria Marcondes Alves, *Juliana Terra Roxa*, 2007, livro cuja história apresenta, nas palavras de Marcondes¹ (2007) “uma breve viagem ao passado, trazendo ao presente fatos históricos e acontecimentos que foram testemunhados por seus antepassados vindos da Europa, até o nascimento de Juliana, nome fictício da própria escritora”.

A escritora conta com outras obras publicadas, como: *A Deusa do Araguaia* e poesias lançadas em parceria com outros escritores paranaenses, porém será abordado com maiores detalhes sobre ela no corpo do trabalho.

Pretendeu-se observar, na obra *Juliana Terra Roxa*, elementos que indiquem que a mesma trata-se de um documento literário e histórico, mais precisamente trata-se de um romance histórico. Para isso, buscou conceituar o romance histórico e apontar suas características. Para fazer isso, observou-se as características do romance, tais como: narrador, personagem, tempo, espaço.

Procurou-se por elementos que justificassem a afirmação de que a obra analisada trata-se de um romance histórico, apontando, na obra, características deste gênero literário e acontecimentos históricos que interferiram direta ou indiretamente no enredo da narrativa. Para isso, buscou-se o conceituar o romance histórico.

Por ser uma escritora autodidata, Maria Marcondes Alves apresenta em sua obra testemunhos de personagens reais, conhecidas pela autora e que retratam o cotidiano da região em que sua ascendência familiar viveu: o Norte do Paraná, a Amazônia, Minas Gerais e o Interior de São Paulo. Além disso, na sua narrativa, são retomados os acontecimentos históricos e como eles interferiram na vida dela. Tudo isso em forma de romance genealógico.

Sobre o gênero romance histórico, o material teórico pelos quais foi possível se direcionar foram Marilene Weinhardt, no texto *Considerações Sobre o Romance Histórico*; Linda Hutcheon (1991); George Lukács.

Por outro lado, sobre o romance proposto pela pesquisa, não foi localizada uma fatura crítica porque trata-se de uma escritora pouco conhecida e que financia

¹ Elizabeth Vargas Marcondes: especialista e mestranda da Universidade Estadual de Londrina.

seus próprios trabalhos (literatura independente). Dessa forma, há a necessidade de observar as características desta obra para que seja feita uma análise literária.

O teórico Georg Lukács que norteia a pesquisa está relacionado ao estudo da literatura e história, mais precisamente sobre o Romance Histórico. Deste modo, é possível descrever como ocorre a literatura e história na obra de Marcondes. Além dele, o presente projeto pretende usar os autores que trabalharam em cima deste teórico e que estão mencionados na revisão de literatura a fim de ver como ocorre o romance histórico na Literatura Brasileira.

A proposta de trabalho teve como objetivo reunir textos sobre o conceito de romance e de história e observar na obra como eles são tratados pela escritora e como a mesma mesclou estes dois elementos: literatura e história.

Portanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, comparando a teoria com o material escolhido para a pesquisa.

Esperou-se, com este trabalho, definir como se dá o entrelaçamento da história e do romance genealógico familiar na obra de Maria Alves Marcondes e definir quais foram as consequências dos principais eventos históricos ou como eles são refletidos pela família da obra.

2 O QUE É ROMANCE HISTÓRICO?

Romance histórico é tido como a obra que baseia-se, seja em parte ou no todo, em acontecimentos históricos significativos. Este tipo de romance é parte ficção e parte história. Ou seja, é uma obra que se apropria de acontecimentos históricos e insere neles uma narrativa ficcional. Conforme Jameson,

O romance histórico articula uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja pelos costumes, acontecimentos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual, denotado pela categoria narrativa que denominamos personagens. (JAMESON, 2007, p. 185)

Para que aconteça o romance histórico, é necessário que ele ocorra durante um período de transição histórica, seja uma revolução, uma guerra, uma transição política ou outro fator que demonstre mudança. Portanto, uma situação paradigmática. Lúkacs *apud* Tavares (? , p. 1) determina que para acontecer o romance histórico, o recorte temporal escolhido deve ser um momento de crise. Porém, Lukács destaca que a fidelidade histórica é, nas palavras de Tavares, fundamental para que a obra tenha qualidade. Para isso, o romancista deve pesquisar sobre os acontecimentos paradigmáticos escolhidos a fim de que eles se apresentem plausivelmente no decorrer da narrativa.

Por outro lado, esta situação paradigmática pode ser traduzida nas personagens em suas atitudes. Conforme Tavares, as personagens dos romances históricos

vivenciam, nas suas existências, mesmo quando deslocados dos grandes centros de poder, as consequências das alterações pelas quais passa o período histórico. Assim, não é preciso traduzir os grandes eventos, pois mesmo sucessos aparentemente insignificantes podem ser expressivos. Personagens triviais, sem grandes elevações espirituais ou gestos heroicos plasmam o modo de ser, pensar e atuar do momento histórico, refletindo as tendências da época. (TAVARES, 2011, p.3)

Deste modo, deve-se pensar neste gênero literário como uma obra que também deve constar a descrição dos costumes e valores de um determinado povo diante do acontecimento paradigmático. Por outro lado, para Lukács *apud* Tavares,

não deve [...] exemplificar os personagens históricos, mas traduzir os conflitos sociais convertidos em motivações internas, que se expressam no

plano doméstico e imediato, seja o familiar, o local ou o sentimental. Esse rebaixamento, do plano geral das grandes transformações sociais e políticas para a cena íntima e caseira, garante realismo da representação. (TAVARES, 2011, p. 4)

Assim, sobre as personagens, pode-se classificar de duas maneiras: migrantes e nativas. Conforme Parsons (1993, p.125), as personagens migrantes são aquelas conhecidas no mundo real, ou seja, realmente existem no mundo foram colocadas em uma obra de ficção. Já as personagens nativas são aquelas que a existência delas só é conhecida na narrativa, ou seja uma entidade ficcional.

Lukács considera que a personagem migrante deve manter um certo distanciamento das personagens nativas a fim de preservá-la, pois é não recomendável criar situações em que ela seja desfigurada da realidade. Por isso, deve ser realizada uma pesquisa em cima dela. Caso isso não ocorra, tem-se o processo de permanência da entidade migrante ou ruptura.

Outro ponto que deve ser abordado é o narrador. Este pode manifestar opiniões satíricas ou sarcásticas mais também comentários de valor acerca do fato histórico a fim antecipar os próximos acontecimentos no enredo. Conforme Tavares,

Não são raros os momentos em que o narrador manifesta-se como contemporâneo e até cúmplice do leitor, enfatizando esta perspectiva presente ao descrever e narrar a realidade histórica que serve de matéria para a construção do texto ficcional. (TAVARES, 2011, p.8)

Não se deve encarar o romance histórico como um documento histórico legítimo, mas como uma recriação do que poderia ter acontecido. Segundo Hutcheon,

os livros caracterizados por ela como ficções historiográficas utilizam a citação de fontes e as referências ao passado com o intuito de evidenciar que o conhecimento histórico é lacunar, ideológico e está sujeito aos vestígios do passado, já que sem eles a escrita da história não seria possível. Tais romances não têm por objetivo negar o passado, e evidenciam que ele “realmente existiu, mas hoje só podemos “conhecer” esse passado por meio de seus textos, e aí se situa seu vínculo com o literário. (HUTCHEON, 1991, p. 168)

Por isso, “esse novo tipo de romance reinterpreta a história e a reescreve através da ficção, sem o objetivo contar a verdade, mas de questionar qual é essa verdade que se conta” (SINDER, 2000, p. 261).

Portanto, quando se fala em romance histórico, deve-se ter em mente que apesar da obra ser uma ficção, ela é pautada em cima de estudos da história e funcionam como uma possibilidade de acontecimento dentro do quadro histórico.

3 JULIANA TERRA ROXA

Escrito por Maria Marcondes Alves, *Juliana Terra Roxa*, 2007 é um romance genealógico cujo enredo é a história da família desde o ano de 1865, período do segundo império no Brasil, até o ano de 1995, no qual o Brasil tinha como presidente Fernando Henrique Cardoso.

A narrativa é feita em terceira pessoa por uma personagem chamada Juliana. Enquanto Juliana arruma suas malas para uma viagem à Europa, ela se depara com objetos antigos que a farão lembrar-se dos momentos históricos e outros fatos importantes para a família: a primeira e a segunda guerra mundial, a escravidão, a Revolução de 30; a crise dos mísseis de Cuba; o golpe de 64 e outros acontecimentos importantes no Brasil e no mundo.

Juliana é uma menina que cresceu em fazendas cercadas por plantações. Durante a sua infância, ela se depara com os perigos de crescer no interior (ataque de cobras e outros animais), as brincadeiras com os tios e primos, o trabalho com a plantação e os ganhos e perdas da vida: mortes e nascimentos. Sobre o seu sobrenome, apenas na metade da obra que se justifica por tratar-se uma brincadeira dos tios pela menina gostar de fabricar bolinhos, panelas e demais coisas com o barro roxo do interior do estado do Paraná, por isso o nome Juliana Terra Roxa. Além disso, a personagem traz no corpo a cor de sua bisavó, a índia Catuguá, o que faz com que os tios a chamem brincando de encardida, porém isso não passa de uma brincadeira de crianças.

Sobre sua vida no campo, pode-se dizer que o misticismo faz parte da narrativa, visto que sua bisavó Ana Sidiê, uma índia matriarca da família, aparece para alertá-la de perigos e protegê-la. Deste modo, pode-se dizer que a narrativa dá maior atenção às duas personagens: Ana Sidiê e Juliana.

Sidiê é uma índia Catuguá, a primeira geração da família, capturada ainda menina nas margens de um rio enquanto se banhava com outras garotas de sua tribo pelo português Joaquim. Levada escondida para um paiol, a menina de 13

anos é surpreendida pela mãe de Joaquim nua e amarrada. A mulher decide vesti-la e educá-la a fim de que cresça um pouco mais para poder ser entregue ao matrimônio. Casada com filhos, Sidiê ensina as histórias da tribo e como as crianças devem agir na mata e aprenderem a “escutá-la”. A índia não somente aprenderá os costumes do homem branco como também incorporará suas tradições da mata para curar ferimentos, esconder homens do alistamento forçado durante a revolução de 30, como também será uma espécie de anjo da guarda de Juliana nos anos que passam.

Por sua vez, Juliana, a sétima geração de Sidiê, ainda despreocupada com a mudança no seu corpo, descobre os primeiros acordes do coração ao fantasiar príncipes, castelos e cavalos, fazendo isso sentada no alto de uma árvore. Deste modo, sua instrução é feita na escola básica e nas conversas com os parentes e amigos. Curiosa com as coisas da vida, ela aprende que logo se tornará uma mulher ao vir a primeira menstruação, notícia dada por uma amiga mais velha e que a ensinará a vestir-se e se cuidar como uma mulher jovem.

Porém, quando cresce, percebe a dificuldade da família, visto que esta havia sido enganada na compra de um lote de terras, coisa comum aos imigrantes chegados ao Brasil. Vendedores traziam ofertas de terras irrecusáveis a imigrantes recém-chegados, porém, quando fechavam o acordo e iam ver as terras adquiridas, se deparavam com proprietários informando a trapaça. Juliana decide arrumar trabalho e ajudar financeiramente. Por outro lado, também se depara com a dificuldade de ver o pai se entregar à bebida por não suportar as perdas e ver sua família não ter aquilo que sonhava. Depois de se casar com um jovem português, vê que não apenas seu pai, mas seu marido também encontra dificuldades nos negócios, seja por causa dos juros cobrados para os comerciantes ou calotes de sócios.

Contudo, a narrativa não fica apenas na juventude de Juliana e os problemas com o casamento; mostrará como ela formará sua família e quais são as provações que a mesma passara no decorrer de sua vida até chegar o momento de viajar para a Europa com o objetivo de conhecer sua linhagem espanhola e portuguesa.

Sobre a estrutura da narrativa, ela é apresentada ao leitor no molde de *flashback* da personagem Juliana. Com os acontecimentos sendo narrados no tempo cronológico, ou seja, narrados conforme passam os dias e anos, o leitor é apresentado aos primórdios da formação e da chegada dos imigrantes europeus no

Brasil. Fato curioso na obra é do nome dos personagens não corresponderem aos nomes reais dos membros da família. Essa mudança de nomes é justificada pela própria autora com a finalidade de estimular o leitor local e familiar a identificarem e montarem o quebra-cabeça dos nomes.

Dividida em partes, entendidas como capítulos, cada uma delas tratará de um determinado assunto, por exemplo: a chegada dos portugueses; a linhagem espanhola; Juliana Terra Roxa; Arapongas; a Amazônia; a capital de Goiás e o desfecho voltando-se para o presente de Juliana.

Na primeira parte da obra, Juliana levanta-se cedo e, diante de um espelho, pega um baú onde estão objetos estimados pela personagem. Dentre estes objetos, Juliana pega um píforo, instrumento de sopro, e, ao soprá-lo, o espelho transmuda-se repentinamente e transfigura-se para o momento em que os imigrantes portugueses chegam ao Brasil. A partir deste momento, é feita uma genealogia familiar portuguesa e será dado destaque à índia Aninha Sidiê, já mencionada anteriormente.

Na segunda parte, o objeto pego pela narradora é um leque espanhol. Ao recordar da sua origem espanhola, o espelho volta a transfigurar-se e remeter a narradora à costa de onde um navio leva mais imigrantes para o Brasil, mas desta vez vindos da costa espanhola. Contando qual foi a região escolhida para se estabelecerem e com quais funções eles trabalharam.

Entre as passagens, são apresentados ao leitor diversos acontecimentos históricos testemunhados pela família, entre eles: a guerra do Paraguai (1865); a Proclamação da República (1889); A revolução de 30. Tudo isso é mencionado separadamente na narrativa, através de notas em negrito. Posteriormente, apenas alguns acontecimentos históricos chegam a interferir no cotidiano da narrativa, tal como a revolução de 30. Alguns acontecimentos históricos são inseridos na narrativa apenas para situar o leitor no tempo da narrativa, pois ele indicará, mais ou menos, o ano em que a saga se encontra. Porém, há acontecimentos que chegam a alterar a rotina e interferir no modo de vida dos habitantes.

Por se tratar de uma obra que faz a genealogia de Juliana, é importante citar que o texto não é ficcional, pois, apesar de fazer mudança de nomes nas personagens, os acontecimentos foram vividos pela autora, Maria Marcondes Alves, e seus ascendentes. Mostrando recortes históricos, Alves faz uso de elementos

simbólicos na narrativa, pois estes funcionarão como uma espécie de chave diante do espelho.

Um primeiro símbolo encontrado na narrativa é o espelho. Este objeto está diante de Juliana enquanto a mesma pega alguns objetos para recordar. Chevalier (2005, p. 393) define o espelho como um símbolo que reflete a verdade. Deste modo, Juliana ao observar que o tempo passou, recebe como resposta a sua própria imagem que confirmará tal pensamento. Porém, Chevalier apresenta outra definição para este símbolo:

o espelho, do mesmo modo que a superfície da água, é utilizado para a adivinhação, para interrogar os espíritos, suas respostas às questões colocadas se inscrevem por reflexo [...] Além disso, o tema do espelho mágico, permite ler o passado, o presente e o futuro, é clássico na literatura islâmica [...] por fim o espelho simboliza a reciprocidade das consciências. (CHEVALIER, 2005, p. 395)

Por já se encontrar com idade, Juliana usa o espelho para rever o passado próprio e de seus ancestrais. Para isso, pode-se dizer que o espelho é maravilhoso ou sobrenatural, pois quando Juliana pega o píforo² e o leque espanhol, o espelho se transforma e reflete a imagem de um passado longínquo. Portanto, tanto o píforo quanto o leque podem ser interpretados como chave do passado ou da memória.

Conforme Chevalier (2005, p. 434), a flauta simboliza a alma separada de sua fonte Divina, que aspira a ela retornar. Vale ressaltar que este instrumento pertenceu à Sidiê e foi passado de geração em geração até chegar às mãos de Juliana. O leque possui outro significado, além de retomar o passado da sua veia espanhola, Chevalier (2005, p. 544) define o leque como um símbolo “protetor contra as influências perniciosas”.

Deste modo, a obra não trata-se de um documento histórico, pois a mesma traz alegorias a fim de afirmar o passado desbravador de seus ancestrais de Juliana.

Tendo início, meio e fim, pode-se dizer que o texto pode ser tanto interpretado como registro documental como também uma obra literária, pois possui elementos fictícios que não são aceitos se forem levadas em consideração às leis do mundo real.

² **Pífano** ou **píforo** ou ainda **pife** é uma pequena flauta transversal, aguda, similar a um flautim, mas com um timbre mais intenso e estridente, devido ao seu diâmetro menor. Os pífanos são originários da Europa medieval e são frequentemente utilizados em bandas militares.

Outro ponto que deve ser abordado é a presença de cantigas, fragmentos de poesia da própria autora e mitos da região, como também a presença de fábulas que foram ouvidas por Juliana quando criança como uma maneira de educar e conscientizar as crianças.

Portanto, faz-se necessário abordar dois assuntos que poderão nortear a análise da obra: o realismo e a forma romance e, posteriormente, observar o uso da história em textos literários.

3.1 MARIA MARCONDES ALVES

Filha de Benedito Marcondes e Carmem Vargas Garcia, Maria Marcondes Alves nasceu na cidade de Espírito Santo do Pinhal – SP, no ano de 1939. Quando criança, a escritora mudou-se com os pais para o norte do estado do Paraná, onde estudou até o ensino fundamental e teve que arrumar trabalho para ajudar nas despesas de casa.

Enquanto estudava, ela também fazia o curso de datilógrafa, diploma que a ajudou a conseguir um emprego na Revista *O Roteiro*, que acabou fechando as portas por falta de assinantes e anúncios comerciais. Depois disso, Alves também participou de programas musicais (*Big Show das 5^{as} feiras*), porém teve de deixar de cantar devido a problemas de saúde que prejudicaram suas cordas vocais.

Por ter sido impedida de estudar pelo marido e pelos serviços com a casa, Maria Marcondes Alves fez cursos por correspondências e realizou leituras de enciclopédias. Sendo autodidata, a autora estudou esperanto (língua artificial amplamente difundida no mundo), tornando-se esperantista na fala e na escrita. Por outro lado, Alves, casada com um português tradicionalista, era impedida de estudar, pois o marido escondia as enciclopédias que ela ganhava e as revistas de cursos por correspondência, além de chegar a atear fogo em outros documentos. Há também a indiferença por parte do esposo nos escritos dela, pois, para ele, era mais importante ela tratar dos afazeres domésticos e da família. Seu marido, Domingos Alves, faleceu no dia 24 de dezembro de 2011, véspera de natal, sem ter dado importância para os escritos dela.

Como escritora, Maria Marcondes Alves escreve poesia, crônicas, contos e romances. Como primeiro romance, destaca-se *A Deusa do Araguaia* (1990), romance histórico-geográfico que descreve a região amazônica; *Juliana Terra Roxa* (2007), obra de caráter genealógico e histórico foi escrito em 1995 e só foi digitado e publicado depois dela ter voltado de Portugal e ter sofrido um aneurisma cerebral; *Um buque de sempre-vivas* (2009), biografia sobre os pioneiros de Londrina; *A Estalagem do Caminhoneiro* (2011), retratando a história do albergue noturno de Londrina desde que foi construído até os dias de hoje, transformado em Lar dos Vovôs. Como último trabalho, a autora está produzindo sua quinta obra, *À Sombra do Ipê Branco*, uma viagem histórica que será uma continuação de *Juliana Terra Roxa*, mas, desta vez, narrando o ponto de vista de outra personagem. Algumas

obras, tais como *A deusa do Araguaia* e *Um buque de sempre-vivas* são obras que foram financiadas pelas pessoas que encomendaram os textos para serem publicadas.

Para poder publicar suas obras, a autora divulga seus trabalhos na internet, mais precisamente no site Recanto das Letras, no qual tem trabalhos poéticos, pensamentos e prosas. Além disso, seus romances são financiados do próprio bolso e com ajuda de amigos e familiares. Mesmo assim, Maria Marcondes Alves não desanima e continua produzindo e resgatando a história e a memória das pessoas do Norte do Paraná e demais regiões do Brasil.

Deste modo, a escritora procura inserir em suas obras fragmentos da história da qual vivenciou e testemunhou. Assim, para poder fazer isso, pesquisa sobre estes acontecimentos e adiciona sua própria versão da história. Para isso, Alves recorre a ajuda de professores de escolas estaduais para a correção dos escritos e realiza as pesquisas sobre história na UEL (Universidade Estadual de Londrina).

4 O ROMANCE EM JULIANA TERRA ROXA

Cabe salientar nesta pesquisa que, apesar de tratar-se de uma obra autobiográfica e real, a mesma apresenta elementos típicos literários: narrador-personagem, personagens secundários, tempo e espaço delimitados e uso de *flashback* como modo de narrar, características tanto de narrativas históricas quanto literárias. O *flashback* é justificado pelo enredo se passar em um intervalo de uma hora e elementos fantásticos inseridos pela autora com a finalidade de justificar seu escrito, pois somente desta maneira ela conseguiria transmitir o conhecimento de sua família para as próximas gerações, além de servir também como material didático para a região onde ocorreu a narrativa.

Juliana é a narradora-personagem da narrativa. É por meio do *flashback* diante do espelho que o leitor percebe a volta no tempo até o momento da chegada dos imigrantes portugueses no porto de Santos, São Paulo. Moisés (1978, p. 231) define o termo *flashback* como sendo um recurso narrativo comum à ficção introspectiva que acaba por resultar em processo de associações que, nas palavras dele, “deflagra o mecanismo da memória e torna atual, sinestesticamente, um sensação ou ocorrência pretérita”. Para justificar tal afirmação, faz-se necessário exemplificar o *flashback* na narrativa,

Envolvida com as relíquias ali contidas, Juliana recordava-se de longas conversas que tivera nos tempos de criança com seu avô Antônio [...] Como que por encanto, o espelho que estava dependurado à sua frente transmutou-se repentinamente em uma névoa esbranquiçada e parecia flutuar pelo aposento. Em meio àquele nevoeiro delineou-se um navio, que, tremulava em seu mastro uma bandeira verde vermelho (símbolo lusitano), e lentamente se afastava da península ibérica. Sua rota era a terra dos paus-brasis, lá por volta do ano sagrado de 1.865. (ALVES, 2007, p.13)

Sobre o tempo da narrativa, pode ser interpretado como um tempo psicológico, visto que são as lembranças de Juliana que vão despertando a medida que a narrativa se desenvolve e também cronológico, pois a escritora respeita a ordem dos acontecimentos. O tempo cronológico, segundo Moisés (1967, p. 164), “é marcado pelo ritmo do relógio, consoante as mudanças regulares operadas no âmbito da natureza [...] a alternância da noite e do dia, o movimento das marés, as estações, o movimento do sol, etc”. O tempo psicológico, conforme Moisés (1967, p. 165), “se opõe frontalmente ao outro: como o próprio adjetivo “psicológico” sugere,

ainda na mais corriqueira de suas conotações [...] e ignora a marcação do relógio. É o tempo cronometrado pelas sensações, ideias, pensamentos, pelas “vivências.””

Em JTR³, pode ser dito que ocorrem dois tempos distintos: o início da obra, que começa com as batidas do relógio e a ação da narradora-personagem enquanto arruma as malas e o tempo psicológico que está ligado às lembranças dela como forma de narrar. Deste modo, Juliana revisa 117 anos de história em um *flashback* de quinze minutos.

O lugar em uma narrativa tem grande importância no romance moderno, pois, conforme Moisés (1967, p. 160) o lugar é estabelecido a fim de dar maior verossimilhança no enredo e “quanto mais desloca topograficamente as personagens, mais o romancista fica sujeito a fazer um exame rápido e superficial do drama que carregam [...]”. Por outro lado, a narrativa, quando contém muitas mudanças geográficas, ganha vivacidade e dinamismo e perde em concentração. Como a obra JTR aborda diversos lugares, tais como interior de São Paulo, Minas Gerais, Amazônia e o Norte do Paraná, isso é feito para que o leitor além de ser situado geograficamente, perceba que as mudanças são ocasionadas por situações que forcem as personagens a buscar melhores condições de vida em outro lugar. A fim de exemplificar esta mudança de lugar e a motivação involuntária, como foi citado anteriormente, pega-se o trecho em que, o motivo da mudança é explicitado:

Como conviver em uma terra que lhe havia negado o líquido precioso para a vida (água)? Ninhinha, também tinha sido vítima das asperezas do lugar. Como herança, trazia no tornozelo aquela enfermidade. Foi pensando naquilo que ela resolveu sair em busca de uma nova vida. Ali no Taquara, ficara parte do ideal que trouxera consigo, a esperança de vencer os obstáculos e a força de enfrentar os desafios. (ALVES, 2007, p. 157)

Deste modo, percebe-se que a mudança de região é impulsionada por três motivos diferentes: melhores condições de vida para aqueles que são descendentes daqueles imigrantes desbravadores; esperança de conquistar a felicidade e a estabilidade financeira, visto que o trabalho na lavoura não era o suficiente para a sobrevivência da família.

Deste modo, vê-se que por meio destes elementos presentes na obra, é possível caracterizá-lo como um romance realista. Para entender melhor esta

³ A fim de não tornar a leitura do título da obra repetitivo, a partir de agora adota-se a sigla JTR para Juliana Terra Roxa

definição da obra, usa-se como base teórica a obra *A Ascensão do romance* (1990), de Ian Watt.

Para Watt⁴ (1990, p.11), o surgimento do romance ocorreu no século XVIII com as obras de três autores: Defoe, Richardson e Fielding.

Por sua vez, nesse novo modo de ficcionar do século XVIII, os escritores tiveram a preocupação de sair dos moldes do imaginário e passaram a retratar a realidade. Ou seja, trazer o real para a ficção, surgindo assim a denominação de realismo, palavra usada em 1835 pela escola literária francesa. Conforme Watt (1990, p.12), “em consequência, a palavra “realismo”, passou a ser usada como antônimo de “idealismo””. O realismo parte do princípio das experiências individuais do ser humano, não importando se elas são imorais ou vulgares.

O romance realista pode ser mais facilmente entendido assim que deixa de abordar os temas: mitologia, história e lendas ou outras fontes literárias do passado.

Por isso, como uma das características, o uso do vocábulo realista seria a real atitude da personagem diante do fato, sua reação de acordo com sua percepção.

Conforme Ian Watt (1990, p. 16), mesmo deixando se trabalhar enredos clássicos e usando as ações plausíveis da realidade, Defoe, Richardson e Fielding “não conseguiram realizar plenamente essa interpenetração de enredo”. Para que isso acontecesse, seria necessário que os elementos da narrativa fossem especificados, inclusive o ambiente no qual se desenrolaria o enredo. Logo, precisaria explicitar a personagem, dando-lhe um nome e um determinado perfil psicológico e apontar como seria o ambiente onde ela realizaria suas ações.

Tratando-se da individualidade, percebe-se que dar individualidade na narrativa não era o bastante. Era necessário citar quem era, dando-lhe nome e sobrenome para que o realismo literário se baseasse na realidade cotidiana. Para Watt (1990; p.19) “os nomes próprios têm exatamente a mesma função na vida social: são a expressão verbal da identidade particular de cada indivíduo”. Na literatura, contudo, foi o romance que estabeleceu essa função. O mesmo pode ser percebido na obra analisada JTR, porque todas as personagens, apresentam nome e sobrenome; quando isso não ocorre, a personagem torna-se típica, o representante da população. Este fato pode ser observado na descrição da

⁴ WATT, Ian. *A ascensão do Romance*, Companhia das Letras – São Paulo, 1990.

personagem Goiano, representante dos machadeiros responsáveis por derrubar as árvores para preparar a obra para o plantio.

só o matuto mulato é que permanecia por ali. Era uma pessoa muito estranha, não tinha família. Segundo o seu relato, quando era adolescente, saíra do sertão do centro-oeste em companhia de alguns tropeiros. Quando os seus companheiros resolveram voltar para Goiás, ele decidiu ficar. Encontrara seu verdadeiro lar com a família espanhola. [...] Num canto da tarimba onde ele dormia, estavam dependurados num cabide improvisado com um cipó, um chapéu de aba larga e uma capa de tropeiro [...] Goiano usava barba grande apesar de rala e grisalha. Seus cabelos encaracolados, deixavam transparecer sua descendência negra. (ALVES, 2007, p. 105)

Ao ser feita uma leitura atenta desta citação, nota-se que em nenhum momento é dado um nome próprio para a personagem; apenas é indicado seu local de origem, característica física e função. Ou seja, não é traçado um perfil psicológico a fim de dar maior verossimilhança à pessoa. Por outro lado, imagina-se que a maioria dos machadeiros da propriedade do Manolo, o espanhol, eram pessoas humildes e de poucas posses. Por ser uma personagem secundária, nem ao menos lhe é dada voz, justamente por ser uma pessoa que não terá maiores ações que interfiram na narrativa.

Conforme Watt, antes de dar nomes às personagens, nas ficções antigas, as pessoas ficcionais possuíam nomes próprios, porém, estes nomes se baseavam em nomes comuns e não procuravam destacar o indivíduo. Esses nomes eram usados de acordo com as características ou ações das personagens, sendo uma “introdução” ao caráter delas. Logo, a maioria dos nomes das personagens as retratariam como típicos.

Para exemplificar este caso, toma-se a personagem Juliana. Como foi citado anteriormente, seu sobrenome refere-se ao fato de, quando menina, brincar com barro da região onde morava e por isso ser chamada de terra roxa. Por outro lado, percebe que o nome escolhido para a personagem diz muito sobre ela durante o enredo, visto que, conforme o site⁵ de internet, Juliana é um nome de origem latina e tem como significado “aquela que pertence a Júlio”. Ainda conforme o mesmo site, Juliana tem o sentido de quem:

⁵ Disponível em <http://www.significado.origem.nom.br/nomes/?q=juliana> Acesso em 25 de janeiro de 2012.

Gosta de manter-se de igual para igual com qualquer pessoa numa disputa. Não se sente nem busca ser melhor nem pior que ninguém, é uma pessoa de mente aberta. Não gosta de ficar parado, pois tem grande agilidade mental e física. Gosta de passar seu tempo lendo e adora estudar, não deixa passar uma oportunidade de viajar. É daqueles que possui uma paixão invejável pela vida. Não tem muita diplomacia na hora de dizer certas verdades, julgar ou criticar, costuma fazer isso à queima roupa.

(Disponível em:

<<http://www.significado.origem.nom.br/nomes/?q=juliana>>)

Logo, o nome escolhido para caracterizar a personagem combina com as características porque, se é uma pessoa que gosta de passar o tempo lendo e de estudar, o mesmo vai ocorrer com a personagem, pois sabe-se que toda a narrativa é um *flashback* que precede a saída dela para uma viagem à Europa, mais precisamente Portugal.

O problema de nomear os indivíduos de acordo com suas ações não foi apenas da narrativa antiga; no realismo, Fielding buscou nomear suas criações com nomes que sugerissem um determinado perfil. Assim o escritor, nas palavras de Watt, visava tanto ao tipo geral como ao indivíduo particular.

Em resumo, pode-se afirmar que a escolha pelo nome Juliana não ocorreu por acaso, o que é um dos argumentos para classificar JTR como um romance realista.

Outro fator que pode ser abordado dentro do realismo é a ideia de tempo e espaço da narrativa. Como foi mencionado anteriormente, o romance rompe com as ideias e padrões da literatura antiga. Nas palavras de Watt (1990, p. 25), esta inovação na narrativa, especificar o local e o tempo, impactaram da mesma maneira que o *close-up* foi explorado pelo cinema.

Por outro lado, Alves faz uso, para situar o leitor sobre o tempo, do *flashback* da personagem e o acontecimento maravilhoso de transfiguração da própria imagem no espelho, trechos destacados, situando o contexto histórico no qual o enredo tem passagem, por exemplo,

Como que por encanto, o espelho que estava dependurado à sua frente transmudou-se repentinamente em uma névoa esbranquiçada e parecia flutuar pelo aposento. Em meio àquele nevoeiro delineou-se um navio que, tremulava em seu mastro uma bandeira verde vermelho (símbolo lusitano), e lentamente se afastava da península ibérica. Sua rota era a terra dos paus-brasis, lá por volta do ano sagrado de 1.854. (ALVES, 2007, p.13)

Em contra partida, esta não é a única maneira da narradora determinar o tempo cronológico. Além disso, a autora faz uso também de notas informativas ou, melhor especificando, recortes da história.

Graças ao magnífico Barão de Mauá, que a despeito de tantos obstáculos, conquistou este feito notável, inaugurando na época a ferrovia Santos-Jundiaí, facilitara o transporte, diminuía a distância que antes era percorrida por bons animais.
(ALVES, 2007, p. 15)

Mesmo faltando a informação do ano da inauguração, o leitor que queira definir precisamente quando foi a viagem para as fazendas do interior do país, logo os imigrantes chegaram. Para isso, devem ser inferências ao texto durante a leitura da obra, ou seja, preencher as lacunas que faltam na narrativa.

Além da caracterização do tempo e da personagem, o romance é um gênero que explora também a descrição do ambiente. O espaço e os objetos são descritos com riqueza de detalhes. JTR procura estabelecer o local do enredo durante toda a obra, por exemplo, durante a mudança da família para Arapongas, ocorre um breve descrição da chegada:

Quando chegaram a Arapongas, as luzes da cidade já estavam acesas [...] Tudo parecia muito calmo, ninguém transitava por ali [...] No primeiro domingo após chegarem a Arapongas, Amélia levou os filhos para assistirem à missa. A vila em que foram morar ficava distante da igreja, mesmo assim, quando podia ela levava as crianças até lá.
(ALVES, 2007; p. 158)

Ao comparar a obra JTR e o uso da linguagem, a qual além de transmitir conhecimento, conforme Watt (1990, p. 30), “é muito mais referencial [...] do que em outras formas literárias”, pois não invoca a reprodução fiel do vocabulário da região, seja das personagens cultas quanto às menos favorecidas economicamente. Assim, este gênero literário, é amplamente difundido entre o público por exigir menos do que os outros. Contudo, por mais que o romance seja uma imitação da realidade: descrição e individualização das personagens, definição de tempo e ambientação, uso da linguagem próxima do leitor; não faz o romance ser um retrato fiel da realidade ou ter valor literário.

5 A HISTÓRIA EM JULIANA TERRA ROXA

Para entendermos o conceito de romance histórico, deve-se ter em mente que este é um gênero surgido na Europa do final do século XIX, tendo como berço o romantismo. Porém, conforme Hutcheon,

a literatura e a história eram consideradas como ramos da mesma árvore do saber [...] Então veio a separação que resultou nas atuais disciplinas distintas, a literatura e os estudos históricos, apesar de o romance realista e o historicismo de Ranke⁶ terem em comum muitas convicções semelhantes em relação à possibilidade de escrever factualmente sobre a realidade observável. (HUTCHEON, 1991, p. 141)

É válido observar que a literatura pós-moderna tem como objetivo confrontar os paradoxos da representação: realidade/ficção; presente/passado e particular/geral. Os leitores de Defoe consideravam suas obras verídicas, mesmo sabendo tratarem-se de romances, devido ao fato de terem como plano de fundo um tempo e um local específicos, pois, conforme Hutcheon (1991, p. 143-145), o mesmo ocorre com os leitores contemporâneos: o convencimento da veracidade da narrativa. Em outras palavras, por meio da ficção, pode-se questionar fatos históricos escritos conforme os interesses de uma classe dominante.

Por outro lado, para que possa ocorrer o romance histórico, conforme Baumgarten (2000, p. 170), Lukács aponta seis critérios para que uma obra possa ser considerada um romance histórico: traçar grandes painéis históricos abarcando determinada época e um conjunto de acontecimentos; organizar-se em temporalidade cronológica com os eventos narrados; valer-se de personagens fictícias, puramente inventadas, na análise que empreendem dos acontecimentos históricos; as personagens históricas, quando presentes, são apenas citadas ou integram o pano de fundo da narrativa; os dados e detalhes históricos são utilizados com o intuito de conferir veracidade à narrativa, aspecto que torna a História incontestável; o narrador, em geral, se faz presente na terceira pessoa do discurso, numa simulação de distanciamento e imparcialidade, procedimento herdado igualmente do discurso da história.

⁶ Leopold Von Ranke, historiador alemão do século XIX.

Assim, entende-se como romance histórico a obra cujo enredo tem como plano de fundo um determinado tempo e acontecimento importante que sirva como enredo para os acontecimentos da narrativa conforme a visão da pessoa ficcional.

Apesar de JTR não ter um episódio histórico específico, mas recortes da história, que são um meio de temporizar a narrativa, Alves a desenvolve, passando por diversos acontecimentos. Tudo isso é feito separando o texto histórico e diferenciando-o graficamente o negritando, recurso utilizado por Érico Veríssimo em seus romances históricos, mais precisamente, no *Tempo e o Vento*.

Assim, o gênero literário romance histórico, surgiu durante o realismo, visto que esta escola literária procurava reproduzir fielmente o cotidiano dos indivíduos e observar os costumes e tradições da sociedade. Por sua vez, a história e demais acontecimentos importantes, de acordo com Jacomel (2008), sempre foram observados das camadas superiores da sociedade: ricos, eruditos. Ou seja, nas palavras de Jacomel, a história passou a ser contada “sob um misto de interesse e ideologia dos historiadores.

Observando os acontecimentos descritos em JTR, nota-se que o discurso da história não parte mais das camadas superiores da sociedade, pois estes acontecimentos são mencionados pelas próprias personagens da narrativa. Um episódio que pode ser usado como um testemunho da escravidão no Brasil é encontrado na descrição da narradora sobre anos finais da escravidão, momento cujos antepassados vivenciaram. A chegada de uma leva de escravos vindos da África, enquanto muitos imigrantes vinham atrás do sonho da liberdade e de fazer riquezas é descrito da seguinte maneira, de acordo com Alves (2007, p. 28), “de súbito (os negros) foram perseguidos, acuados como se fossem cães sem dono, acorrentados, jogados num porão de um fétido navio negreiro e deportados para um mundo desconhecido”.

Deste modo, assim como havia imigrantes que sonhavam com um mundo novo, havia também pessoas que eram capturadas e trazidas à força para o Brasil. Ao refletir sobre este apontamento, percebe-se que a narradora assume a posição de denúncia pelos maus tratos por parte dos brancos e seu tráfico. Por outro lado, a mesma comenta o destino feliz que alguns tiveram, pois ainda não havia sido assinada a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

Mesmo antes da assinatura desta lei, durante a narrativa, nota-se que os hábitos no trato com os negros já estavam mudando. A personagem de Coronel

Pimentel, dono das terras nas quais a família portuguesa foi morar e trabalhar, mostra como alguns donos de escravos estavam passando a agir, conforme Alves,

Por sorte ou por mão do destino, assim mesmo aqueles negros louvavam a benevolência do Coronel Pimentel, que muito embora os houvesse comprado a peso de ouro, não os fizera prisioneiro ou escravos. Eles ganhavam o pão de cada dia com o suor dos seus rostos, podiam saborear um fim de tarde na condição de homens livres. Jamais haviam sentido o sibilar de um chicote. Talvez fosse esse o verdadeiro motivo, pela gratidão que dispensavam ao grande senhor Pimentel. (ALVES, 2007, p.28)

Conforme Fausto (2006, p. 125), observando a passagem acima, pode-se afirmar que ocorreu uma “brecha camponesa”, ou seja, muitos negros recebiam pequenos lotes de terras, principalmente em fazendas de café e cana-de-açúcar, onde eles podiam trabalhar, produzindo alimentos para consumo próprio e vendas internas. Deste modo, o escravo acabou se tornando também um camponês. Ainda segundo o teórico, estas iniciativas se davam muitas vezes por parte do proprietário que libertava os escravos doentes ou velhos, apenas por causa dos custos financeiros gastos com estas pessoas. Por outro lado, os escravos libertos não tinham as mesmas condições das pessoas livres. “No papel e na prática, a libertação, em muitos casos, era acompanhada de uma série de restrições, especialmente a de prestar serviços ao dono. A legislação posterior a 1870 incorporou, aliás, esse costume, ao determinar a liberdade de crianças e velhos sob esta condição”. (FAUSTO, 2006, p. 126).

Por outro lado, em JTR ocorre não somente o destino feliz como infeliz dos negros em terras brasileiras, mas também cita o destino daqueles que não foram comprados pelo Coronel Pimentel:

Outros dos seus (negros), contudo não tiveram as mesmas regalias, muitas vezes eram subjugados, gemiam nas mãos dos injuriados feitores, quando estes desciam sem piedade as chibatas em seus corpos. Presos nos troncos retesados, mãos e pés acorrentados, sentiam abrirem as chagas em suas costas e o sangue jorrar em fios, frio, gelado, como os suores que escorriam das suas frentes. Ali, expostos como animais inferiores, mais do que a dor e a posição humilhante em que se encontravam, doía-lhes a moral abatida, por saberem que estavam distantes de sua pátria querida, onde muitos deles possuíam posições elevadas. (ALVES, 2007, p. 28)

Partindo da revisão da história, pode-se afirmar que o trecho de JTR apresenta as seguintes características de acordo com os apontamentos de Lukács: abarca determinada época e um conjunto de acontecimentos e vale-se de personagens fictícias para na análise de acontecimentos históricos, como a escravidão no Brasil.

Em outro momento da narrativa, o episódio histórico ao qual Alves dá maiores detalhes é a Revolução de 30. Conforme Alves (2007, p. 50), os homens temiam pela sua liberdade e, por isso, refugiavam-se onde podiam para escapar do recrutamento. Este fato marca a primeira parte da narrativa porque é o momento da morte da matriarca. “Grupos de soldados montados a cavalo, revistavam todas as casas das colônias à procura de voluntários, que desejassem engrossar as fileiras da tropa armada”. Porém, essas visitas não eram bem recebidas, visto que os homens eram os encarregados de colocar a comida na mesa e arcar com as despesas das próprias famílias. Sem contar que tais investidas eram violentamente realizadas pelos recrutadores. Contudo, Alves apenas cita este acontecimento sem dar maiores explicações sobre a revolução. Por isso, faz-se necessário fazer uma breve explicação deste acontecimento.

A revolução de 30 foi um marco na história da política brasileira, pois anunciava o fim da política do Café com Leite. Além disso, o Brasil havia passado por uma crise financeira de mundial, o que havia deixado os fazendeiros e produtores de café endividados. Esta política é assim nomeada por ter a presidência da república alternada com representantes de São Paulo, referência à produção de café e Minas Gerais, cuja economia era agropecuária. O que deu início a esta revolução foi a insatisfação de ter Júlio Prestes ocupando o cargo de presidente da república pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba. Conforme Fausto:

Júlio Prestes venceu as eleições de 1º de março de 1930. Os recursos políticos imperantes, condenados verbalmente pela Aliança, foram utilizados também por ela. As “máquinas eleitorais” produziram votos em todos os estados, inclusive no Rio Grande do Sul, onde Getúlio teria vencido por 298.627 votos contra 982. O resultado da eleição não foi bem-aceito entre os quadros jovens da oposição. Estes se dispunham a seguir o caminho que os tenentes haviam tomado praticamente sozinhos. (FAUSTO, 2006, p.179)

Como reflexo dessa agitação política pela qual o país atravessava, também teve reflexos no enredo da narrativa de Alves. Enquanto as tropas invadiam

fazendas e recrutava homens para combater contra a vitória de Prestes, Aninha Sidiê age da seguinte maneira:

Num ato de bravura, Sidiê chamou seu filho e pediu-lhe que reunisse todos os homens. Estes a seguiram rumo a serra grande. A pequena e corajosa indígena seguia à frente abrindo a vereda. Logo atrás, caminhavam os homens. Estavam apavorados, mas confiavam na proteção daquela guia. Depois de longo caminhar, avistaram uma grande fenda numa rocha que se escondia por detrás de uns arbustos. Sidiê apontou naquela direção e o grupo todo procurou segui-la. Era uma gruta silenciosa, onde se ouvia apenas o correr das águas de um riacho que adentrava no local. Quando conseguiu encontrar um lugar onde pudessem pernoitar, Aninha recostou-se para descansar e tentando animá-los dizia: - Meus filhos, não temam. Isso não haverá de ser nada. Aqui todos estão seguros. Amanhã será um novo dia, então, os soldados terão ido embora. Tenham fé e confiem na proteção divina e se puder, orem. (ALVES; 2007, p. 50-51)

Neste momento, ocorre a menção a personagem histórica de Júlio Prestes, mas não só dela, como também, Dom Pedro II, Marechal Floriano Peixoto, Prudente Moraes, entre outros, o que marca mais um apontamento de Lukács: as personagens históricas serem apenas citadas ou de integrarem como pano de fundo para a narrativa.

Outra característica apontada por Lukács é a narração em terceira pessoa. Este tipo de narrador é caracterizado por dar o foco na personagem, mas somente em alguns momentos ele toma voz e faz observações sobre os fatos ocorridos. O narrador em JTR pode ser classificado como observador, pois não toma partido das ações das personagens e desconhece seus desejos, paixões e demais sentimentos.

Por ser uma obra independente e com poucos recursos para publicação, percebe-se que a escritora conseguiu atingir o objetivo proposto: criar um romance no qual pudesse abordar a história como uma maneira de descrever sua árvore genealógica, colocando como personagem central Juliana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a obra *Juliana Terra Roxa* pode ser interpretada como um romance histórico, visto que as características apontadas por Lukács se encaixam na narrativa de Alves. Por outro lado, não foram observados muitos acontecimentos históricos que tivessem modificado o cotidiano das personagens, exceto pela revolução de 30, a qual foi responsável pela ação da fuga para a caverna por parte de Sidiê e os jovens da fazenda.

Apesar de se tratar de uma escritora que não frequentou os bancos escolares e sendo o primeiro romance da escritora, visto que ela tem maior tendência a produzir poesia, percebeu-se domínio da produção do romance histórico e suas características, mesmo desconhecendo as teorias de Lukács e Hutcheon.

Como um romance realista, Alves ainda traz para o realismo certos traços maravilhosos do romantismo, tais como o místico ao citar em diversos momentos a presença da proteção da índia Sidiê.

Como romance histórico, Alves apenas peca em não dar maior destaque a outros acontecimentos importantes do Brasil como a 2ª guerra mundial, visto que muito soldados brasileiros saíram do país para lutar. Por outro lado, isso mostra que a guerra, apesar de fazer cortes no consumo de combustível e eletricidade para a população, pouco interferiu no cotidiano das cidades rurais do interior do país, sendo mais concentrado nas capitais. Por outro lado, ela poderia ter escolhido um determinado tempo, assim seria possível explorar mais as personagens e o próprio momento histórico.

Costumes e tradições são outra marca do romance histórico, dentre as características deste gênero está a descrição da cultura e dos hábitos da sociedade em determinado momento. Alves explora esta característica ao expor ao leitor os hábitos da lavoura, a preocupação com a estiagem e com as cheias para a plantação e demais acontecimentos, tais como: casamentos, brigas, nascimentos e etc.

Este trabalho não teve a pretensão de fazer um juízo de valor da obra de Alves nem coloca-lá ao lado de nomes como Érico Veríssimo ou João Ubaldo Ribeiro. Por outro lado, mostrou-se que mesmo os escritores menores têm a consciência de fazer um romance histórico de acordo com as características do mesmo.

Portanto, a obra *Juliana Terra Roxa* pode ser interpretada no conceito de romance histórico, pois apresenta as características deste gênero narrativo. Deste modo, além de se tratar de um documento literário, a obra é feita com o objetivo de resgatar e preservar a história real da autora e de sua família em forma de romance e de demonstrar por meio de diálogos e ações o ponto de vista da personagem diante dos acontecimentos históricos e sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria M. **Juliana Terra Roxa**, 1ª ed. Londrina: Moriá, 2007.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O novo romance histórico brasileiro. **Via Atlântica** nº 4, out. 2000.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad: Vera da Costa e Silva. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

Disponível em <<http://www.uepg.br/uniletras>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2012

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: História - Teoria – Ficção**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

JACOMEL, Mirele C. W. Tecendo o avesso da história pela metaficção historiográfica. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, p. 421-460, jul./dez. 2008

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível?. **Novos estudos**. - *CEBRAP* [online]. 2007, n.77, pp. 185-203.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

_____. **Dicionário de termos literários**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

PARSONS, Terence In: CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio Wolf (Orgs). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1993.

SINDER, Valter. A reinvenção do passado e a articulação de sentidos: o novo romance histórico brasileiro. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 253-264, 2000.

TAVARES, Hugo M. Permanências e rupturas na obra *A República dos Bugres*, do escritor Ruy Tapioca. **Revista Tríax**, nº 3, maio a dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.revistatrias.pro.br/artigos/ed-3/permanencias-e-rupturas-na-obra-a-republica-dos-bugres.pdf> Acesso: 18 de fevereiro de 2012.

WATT, Ian. **A Ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.